



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

SARMENTO E O TERMO "SUÁSTICA".

CARDOSO, Mário

Ano: 1928 | Número: 38

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Sarmiento e o termo "suástica". *Revista de Guimarães*, 38 (1-2) Jan.-Jun. 1928, p. 5-7.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Sarmiento e o termo “suástica,,

Na relação dos cooperadores do Dicionário de Cândido de Figueiredo conta-se Martins Sarmiento (*Novo Dicionário da Língua Portuguesa* — 4.^a ed. — 2.^o vol., pág. 1006). E, entre os variados termos sôbre cuja significação foi consultado o Arqueólogo, figura a palavra — *suástica*, mencionada a pág. 744 do volume citado.

Encontra-se na correspondência dirigida a Sarmiento, arquivada na Bibl. da S. M. S., um bilhete-postal, datado de 29-5-99, cujo texto é o que segue:

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sñr.

Na Rev. de Guim.^{es}, XV, p. 162, vejo *swastika*. Faz-me V. Ex.^a a fineza de me dar o significado ou a noção exacta da palavra e a sua procedencia?

Cr.^o de V.^a Ex.^a

Lisboa
Patriarcal, 3

at.^o grato e respeit.^{or}

Candido de Figueiredo.

Por êsse tempo estava Sarmiento na sua Casa da Ponte, em Briteiros, convalescendo de uma pneumonia que esteve a levá-lo. A morte, porém, ficou rondando perto, e, pouco mais de dois meses volvidos, despedia o golpe fatal. Nas últimas páginas manuscritas, desta época (Junho de 99), figura o curioso apontamento de uma carta que é, evidentemente, o rascunho

da resposta àquele postal de Cândido de Figueiredo. Transcrevemos, omitindo os termos substituídos e riscados pelo autor no original (Cf. Ms. de Sarmento, no Arq. da S. M. S. — t. III, vol. 3.º, p. 32):

«Ex.^{mo} Sñr. Se estivesse em Guim.^{es}, mandar-lhe-hia qualquer livro, q. o informasse minuciosamente acerca do que deseja saber. Como não posso dar homem por mim, direi o que me lembra. O swastika (já vi também escripto svastika) ⁽¹⁾, que uns classificam de macho, outros de femea, é uma palavra sanskrita, cuja etymologia ignoro, como me parece que a ignoram os sabios. Chamam-lhe também a cruz gammada por ser composta com 4 gammas: ♣. Algumas vezes porem os quatro braços são curvos, sem angulos. Segundo E. Burnouf (Science des religions) o swastika era de madeira; no ponto da intercessão da cruz havia uma cavidade, onde entrava a ponta d'uma outra peça de madeira (arani) apertada de modo a entrar n'um tão rapido movimento de rotação que chegava a inflamar-se pela fricção. Dahi vinha o fogo sagrado; mas, também já li que o Burnouf estava a caçoar com a gente, ou alguém caçoou com elle impingindo-lhe uma patranha. P.^a o Conde d'Alviela (La migration des mythes | creio q. é este o titulo da obra mas não posso verificá-lo) ⁽²⁾ o swastika é inegavelmente um symbolo do sol, é a roda do sol. Um symbolo exclusivamente ariano q. se propagou por toda a Europa, desde tempos antiquissimos (these q. Mortillet foi o primeiro a sustentar, salvo erro, no seu livro «Le signe de la croix avant le Christianisme»). Veio elle da India? D'antes sobre questões desta ordem não havia duvidas: toda a mythologia e civilização ariana vinha do Oriente; hoje os ventos sopram d'outro quadrante: a civilização e mythologia arianas teriam o seu berço na Europa (na Thracia, conforme

⁽¹⁾ Cândido de Figueiredo adoptou — *sudstica* e não *swastika* ou *svastika*. Sobre este symbolo e sua bibliografia consulte-se p. ex.: J. Leite de Vasconcelos, *Rel. da Lus.*, III, p. 73, 78, 406, 428, 586, 616 e 624.

⁽²⁾ Comte Globet d'Alviela, *La migration des symboles*, Paris — 1891.

alguns) e d'ahi é q. bracejaria p.^a o oriente e p.^a o occidente. Certo é que o swastika já apparece em Troia, nos objectos de bronze, e em Mycenae, e eu fui desentocal-o em Sabroso e na Cit., como poderá ver d'um art. publicado na Port. (1). O christianismo adoptou-o; no Museu de G.^s ha um carneiro (sepulchral) de pedra q. tem um swastika n'um dos topos; vi outro numa porta da igreja de Rio Mau (C. de Villa do Conde). Na matriz antiga de Valença apparece como simples ornamentação; nas muralhas do Castello de G.^s, como marca de pedreiro. Em summa, foi-se acanalhando de tal sorte que hoje ninguem faz caso d'elle. O fructo das minhas leituras deus, como vê, esta maravilha: não saber nada ao certo de cousa nenhuma.»

A própria sabedoria conduziu o Arqueólogo à incerteza e ao scepticismo. Tal como a Sócrates. E assim devia ser, porque os enigmas do mundo e da vida só se apresentam verdadeiramente indecifráveis para o homem sábio. Ao ignorante pretencioso e vão tudo parece facilmente explicável, porque a sua mentalidade objectivista, não podendo pressentir o incomensurável, apenas se move no âmbito restrito e acanhado dos fenómenos concretos.

M. C.

(1) F. Martins Sarmiento — *A arte mycenica no noroeste de Hispanha*, na «Portugalia» — Pôrto, 1899 — vol. I, p. 1 e segs.